

Reduto da boemia conserva a cadência do samba

Jornal: Correio da Bahia
Data: 14/01/91
Caderno: Aqui Salvador
Página: 3



Marcado por contradições,
o local é dividido entre
proletário e classe média

Ana Paula Ramos
Maurício Sotó Maior

Em pleno centro da cidade, bate forte o coração do samba no Garcia — um dos últimos redutos da boemia baiana. Lá, ainda é possível sentar numa mesa de bar e improvisar um batuque numa caixa de fósforos, sem perder o tom nem a sintonia com as dificuldades diárias de um bairro marcado por contradições. O limite fica na altura do Colégio Edgard Santos, local muito conhecido como primeiro arco. Depois dele, o samba vive nas entranhas dos moradores de baixa renda da chamada Fazenda Garcia. Antes, na Leovigildo Filgueiras, só há espaço para casa comerciais, colégios tradicionais e os prédios de uma classe média emergente que aproveita a localização privilegiada do Garcia para integrá-lo ao rol dos bairros nobres da cidade.

As divergências disfarçadas pela delimitação geográfica ficam claras nas reclamações da comunidade, estimada em mais de 30 mil pessoas. De um lado, o estudante Rogério Borges, 20, se refere aos moradores "lá de cima" como "arruaceiros". Por outro, os habitantes das encostas da Fazenda Garcia reclamam dos altos impostos cobrados pela prefeitura, que considera o local um bairro nobre. Inconformada, a metade plebéia compensa o preconceito através da união fortalecida nas noites de boemia passadas no Largo da Fazenda Garcia, onde jovens e crianças jogam bola, dominó e muita conversa fora durante o dia.

Encostas — Com acessos para as avenidas Garibaldi, Vasco da Gama e Centenário, o Garcia é um bairro cercado por encostas. É lá que vive a comunidade mais carente do bairro. Em novembro último, a Associação de Moradores e Amigos do Garcia (AMAG) encaminhou um documento ao prefeito Fernando José, solicitando a realização das obras de contenção de encostas. Apesar de contar com o apoio do vereador Javier Alfaya (PC do B), morador do Garcia há oito anos, até hoje o apelo da comunidade não foi atendido.

Este tipo de problema, além de outros de caráter infra-estrutural, não é enfrentado pelos moradores da Leovigildo Filgueiras e adjacências — um reduto de colégios particulares. Ao todo, são quatro — Sacramentinas, Dorothéias, Dois de Julho e o tradicional Antônio Vieira, recentemente acusa-



Fotos de Marco Aurélio

A cumplicidade mágica da noite

Antes mesmo da noite cair sobre a cidade, por volta das 17h, o Largo do Garcia começa a ser povoado por novos habitantes que se misturam aos moradores do local. Os primeiros visitantes apressam-se em estacionar os automóveis nas laterais das ruas, que não demoram muito a ficar congestionadas. As calçadas passam a ser palco de disputas entre pessoas, cadeiras e mesas e, aos poucos, o som de crianças brincando é substituído pelo barulho de copos manuseados e tampinhas de cerveja varridas do chão. A noite se instala, trazendo com ela os personagens, histórias e as canções da boemia baiana.

Nas primeiras horas, os bares Santo Antônio, Alcindo's e o famoso Buteco do Farias fazem a festa, aglutinando boêmios de diversos bairros e turistas. Mais tarde, por volta das 23h, grande parte da clientela se desloca — como se fosse uma procissão, para o "pagode do Roque", onde "O Assunto é Samba", justamente nome do bar que fica na Ladeira do Veríssimo. A boemia corre solta até as "quatro da matina", sempre de quarta-feira a sexta, mas é a quinta-feira o ponto alto da noite no Garcia. É neste dia que os bares da área são abastecidos de mariscos e peixes pelo barco que vem de Valença, aumentando o movimento da clientela experiente e apreciadora de bons "tiragostos".

Orgulho — Para Dona Celeste Silva Cunha, 39 anos, moradora do local há apenas três meses, a adaptação à movimentada noite do Garcia não foi muito difícil. Ela morava em Macaúbas, "um pouco menos boêmio", mas achou o bairro muito alegre e sem confusões. "A festa aqui é do tipo família, e qualquer alteração o posto policial da praça resolve". A cumplicidade com a noite boêmia do Garcia ganha status de "orgulho do bairro" para Vilobaldo Santos, 30 anos. Nascido e criado no Garcia, Vilobaldo define a noite com duas palavras: longa e ótima.

"O Garcia tem a melhor noite de Salvador", declara o repórter fotográfico Juarez Neves, 40 anos. Ele mora na Baixa dos Sapateiros e não perde o "pagode do Roque" há dez anos, quando ainda era feito de uma maneira improvisada na casa do sambista. Com a cerveja na mão e a companheira nos braços, Juarez se diverte dançando, ao



gildo Filgueiras e adjacências — um reduto de colégios particulares. Ao todo, são quatro — Sacramentinas, Dorothéias, Dois de Julho e o tradicional Antônio Vieira, recentemente acusados de não estar negociando o reajuste das mensalidades com a Associação de Pais e Alunos da Bahia. Contrastando com a imponência do Vieira, a alguns metros de distância, encontra-se o Edgard Santos, desativado para reforma desde o ano passado, quando 2.500 estudantes perderam o ano por falta de aulas. Este colégio, marco oficial da parte proletária do Garcia, é o espelho do abandono parcial deste bairro, cada vez mais dividido por suas contradições internas. (A.P.R.)



No coração da cidade, o batuque improvisado e a alegria predominam sobre as contradições e dificuldades do bairro

na Baixa dos Sapateiros e não perde o “pagode do Roque” há dez anos, quando ainda era feito de uma maneira improvisada na casa do sambista. Com a cerveja na mão e a companheira nos braços, Juarez se diverte dançando, ao mesmo tempo em que canta as velhas canções de seu tempo e se arrisca balbuciando as novas letras de hoje. “Dessa vida nada se leva, além dos momentos felizes”, define. (M.S.M.)

Comida, bebida e uma boa música

“Ei! Som. Dois. Tá faltando agudo”. Enquanto o seresteiro Didi dá os últimos ajustes no amplificador, Roque Bentenquê, 44 anos, proprietário do Bar O assunto é samba, pede para tocar “As rosas não falam”, de Cartola. São 22h30m e não vai demorar muito para que o salão, com poucas mesas, seja invadido por um batalhão de clientes sedentos por cervejas, músicas e pelo famoso escaldado de Miraguaia, com molho lambão. A sócia e companheira Dona Lília, 45 anos, explica que de quarta a sexta-feira o “pagode do Roque” se transforma na parada obrigatória dos boêmios que transitam pelos bares do Garcia, “e tudo tem que estar perfeito para recebê-los”.

São vários os bares do bairro, que a exemplo do Alcindo's, Buteco do Farias, Bar Santo Antônio, Dea Bar, Legião Ebert de Castro, além de barracas e butequins improvisados, apresentam inúmeras bebidas e pratos para todos os gostos. O Farias oferece a seus clientes comidas típicas da Bahia e Pernambuco, regadas à batidas de sabores variados. “São 100 litros de batidas a cada 15 dias”.

Saudades — Enquanto a noite se estende os casais de namorados vão se formando, entre flertes e cantadas, desesperados choram suas máguas e colegas de trabalho comentam entusiasmaticamente o resultado do futebol. Porém, os bares de hoje não lembram, “nem de longe”, o antigo Zanzibar que ficava na Rua dos Artistas. Para Juvenal Barreto, um professor primário de 35 anos e antigo morador do Garcia, o bar deixou muita saudade.

Era o local predileto de “quem fazia arte na época”. Gilberto Gil, Caetano Veloso, entre outros artistas “de nome”, se misturavam com dançarinos, artistas plásticos, poetas e escritores. “Era um dos pontos de encontro do pessoal do Ilê Ayê”, comenta com um sorriso saudoso. Ele e um grupo de amigos está tentando revitalizar a mesma proposta do Zanzibar com o Espaço Kaô — a saudação de Xangô — em sua própria casa, na Rua Prediliano Pita. “Se conseguirmos fazer este espaço, será mais uma estrela a brilhar na noite do Garcia”. (M.S.M.)

O QUÊ/Mudança do Garcia

Uma faxina prestigiada

No fim da década de 40, um grupo de músicos auto-intitulado *Arranca Toco* levantava poeira nas ruas sem pavimentação do Garcia, fazendo muita gente dançar, sem precisar de trio elétrico, no segundo dia de Carnaval. Surgia, assim, o embrião da atual *Mudança do Garcia*, que ganhou este nome há 28 anos, quando o bairro foi finalmente asfaltado. Até então, a festa não passava de *Faxina do Garcia*, que saía arrastando foliões da Federação, Campo Grande e outros trechos do centro da cidade. Hoje, mantendo a tradição, a *Mudança* é um instrumento de integração da comunidade do bairro.

Mais de 20 mil pessoas desfilaram no ano passado, na noite de sexta-feira de Carnaval. O bloco de travestidos, *As Derrubadas do Garcia*, aproveita o embalo e geralmente sai junto com a *Mudança*. Tudo pela integração. Este ano, a comissão organizadora, composta por 10 pessoas, está encontrando dificuldades para colocar na rua este bloco famoso pela sátira social e política que se acostumou a fazer nos carnavais. Apesar da falta de verbas oficiais, ninguém no Garcia duvida que a *Mudança* vai sair, mantendo o prestígio de ser uma das últimas entidades carnavalescas independentes de Salvador.

QUEM/Lourival Chaves

O morador típico



Nascido e criado no bairro, ele é receptivo, atuante e bem-humorado. Sua missão é botar a *Mudança* na rua

Ele é um retrato da comunidade do Garcia — receptivo, bem-humorado e atuante. Nascido lá há 50 anos, Lourival Chaves é diretor da Associação de Moradores e Amigos do Garcia (Amag) e está organizando pela terceira vez a *Mudança do Garcia* — bloco carnavalesco do qual participa desde criança. Casado, dois filhos, ele mora na parte dita proletária do local e não tem do que reclamar — a não ser dos altos impostos cobrados em função de o Garcia ser considerado um “bairro nobre”.

Como um dos moradores mais populares da comunidade, Lourival conhece boa parte da história do bairro. Ele conta que originalmente o que existia no local era uma fazenda — a Fazenda Garcia, propriedade de portugueses — mas não lembra quando iniciou-se o processo que culminou no perfil atual do bairro, marcado por divisões. Intimamente ligado às suas raízes, Lourival não dispensa um passeio pelas noites boêmias do Garcia, com direito a samba, suor e cerveja. Isso sem esquecer nunca as obrigações — a principal, sem dúvida, é botar a *Mudança* na rua todo ano (A.P.R.).

QUEM/Rubens Farias de Souza

Na rotina do bar



Um pernambucano que se orgulha de trabalhar no ramo desde os 8 anos e ter sucesso pelo bom atendimento

“Vinha de mão cheia e saía de mão cheia!”, adverte Rubens Farias de Souza, 41 anos, ao explicar a uma das garçonetes o segredo do bom atendimento. Esse pernambucano se orgulha de trabalhar no comércio desde os oito anos de idade, ajudando no bar do pai em Recife, e já correu “meio Brasil” antes de se fixar em Salvador, há seis anos.

“Eu procurei um bom ponto durante dois meses e achei o Garcia o lugar ideal, próximo do centro e com apenas uma sorveteria e um bar”. Rubens optou por comprar o bar, a

antiga Barraca do João, para erguer os três andares do Buteco do Farias, como passou a ser conhecido em todo o bairro. “Meu sucesso é o bom atendimento, variedade de produtos e preço baixo”, explica.

Alguns o acusam de não pagar bem aos funcionários — as garçonetes recebem apenas a comissão de 10% sobre a venda, além das gorjetas — porém é unânime a opinião de que a noite do Garcia tomou novo impulso após a sua chegada. “A noite do Garcia é um ponto de encontro da cidade, entre pessoas de vários bairros e turistas de vários estados e países.” (M.S.M.)